

ORPC (M-L)

Organização para a Reconstrução do Partido Comunista
(marxista-leninista)

**POR UMA AMPLA FRENTE
ANTI-FASCISTA E PATRIÓTICA
CAMINHO PARA A REPÚBLICA POPULAR!**

(documento do Comité Central da ORPC (M-L))



Setembro 1975

EDIÇÕES



Preço 7\$50

Os quatro meses passados desde que criámos a ORPC(m-l) são ricos em acontecimentos. Cabe-nos agora dar-lhes o balanço, comprovar a linha política que aplicámos e decidir a via a seguir na fase imediata, até ao Congresso da reconstituição do Partido, a quem compete traçar a linha para a revolução em Portugal. A perspectiva de luta que apresentamos neste documento representa o resumo da nossa experiência. Todos os camaradas se devem unir firmemente à sua volta e levá-la à prática; será essa a nossa melhor contribuição ao Partido que vai nascer.

Setembro de 1975

O Comité Central da ORPC(m-l)

1 — A REVOLUÇÃO NUMA ENCRUZILHADA

BALANÇO DE UM ANO

O que houve de novo em Portugal durante este último ano foi o avanço constante do movimento de massas; o povo apresenta reivindicações cada vez mais vastas que põem em causa todo o sistema burguês. As grandes massas trabalhadoras,

ensinadas pelas convulsões políticas que se vêm sucedendo à derrocada do fascismo e do colonialismo, já não acreditam que a ordem social seja imutável. Toda a noção de hierarquia rígida que o fascismo se empenhou em gravar na cabeça dos trabalhadores durante meio século começa a cair aos pedaços. Obedecer à ordem estabelecida? Porquê? Para quê?

O país está mergulhado numa crise económica, social e política que abarca todas as classes. Mesmo aqueles sectores que ainda não vêem o sentido político da luta que se trava, como é o caso dos camponeses, mesmos esses são arrastados para o turbilhão e querem mudar de vida. Portugal vive um daqueles abalos profundos que só surgem numa sociedade uma vez em cada século. De avanço em avanço, chegamos a um ponto em que as massas já não aceitam viver como antes e a burguesia já não consegue governar como antes. **Está em curso um grande movimento revolucionário, ainda nos seus primeiros passos, mas que exige o estabelecimento de uma ordem social nova, de uma verdadeira democracia popular.**

Agora chegamos a um ponto de viragem. Durante 16 meses, a grande burguesia fascista foi espicaçada, mas como não levou a estocada final, arremete agora com nova fúria. Atrás dela levanta-se o imperialismo americano, o nosso inimigo supremo no momento actual, apoiado no seu conluio com o social-imperialismo russo.

A questão que está posta é a seguinte: vamos levar até ao fim as tarefas que começámos ou seja, **liquidar o fascismo, liquidar o grande capital, liquidar o colonialismo, fazer a revolução agrária, expulsar o imperialismo**, ou vamos voltar para trás? Vamos conquistar finalmente a Liberdade, o Pão, a Paz, a Terra e a Independência Nacional, ou vamos continuar a viver na opressão, no desemprego, na miséria, na dependência do estrangeiro, na guerra? O dia de amanhã vai ver o triunfo da revolução democrática popular ou um novo fascismo?

É à volta desta alternativa que se alinham as classes e se prepara a batalha. Depois de os governos burgueses terem oferecido vinte vezes, como charlatães de feira, o socialismo e a

sociedade sem classes, ao mesmo tempo que vão preparando o regresso do fascismo, agora chega a altura do proletariado e as grandes massas populares tomarem em mãos o problema e dizerem a sua palavra. Só o povo pode levar a cabo a revolução democrática.

O REFORMISMO FALIU

O que significa a luta aguda e a crise política que se vem arrastando há semanas? Ela não é só um reflexo da concorrência entre as duas superpotências rivais, Estados Unidos e Rússia, mas é sobretudo um produto dos grandes avanços do movimento popular que obriga os burgueses a dividir-se por não chegarem a acordo sobre a melhor maneira de tapar o caminho à revolução.

Há um ano que o MFA com a colaboração activa dos revisionistas de Cunhal e de outros partidos burgueses lançou uma grande manobra reformista, na esperança de ultrapassar a crise da burguesia e absorver pacificamente o movimento revolucionário. Hoje, essa manobra está na agonia. Desde o 28 de Setembro, recorreu-se a todos os expedientes, prometeu-se tudo, fizeram-se reformas, conciliou-se, a fim de salvar o que era essencial para a burguesia: o sistema de propriedade, o aparelho de Estado, o Exército, a submissão ao imperialismo. Mas o único resultado dessa política foi a burguesia ter que recuar incessantemente sob o impulso do movimento de massas, que tomou à letra as promessas e lhes exige cumprimento.

Sobretudo depois do 11 de Março, o movimento popular deu grandes passos em frente. Vendo que à «via socialista» do governo apregoada em discursos nas fábricas não correspondiam nenhuma medidas sérias para meter os fascistas e sabotadores na cadeia, para acabar com os privilegiados, para fazer funcionar as empresas nacionalizadas, para dar a terra aos camponeses, para expropriar o capital dos imperialistas e corrê-los das bases militares, vendo tudo isto, as massas conven-

ceram-se de que tinham de agir por sua conta. Dos saneamentos passámos às ocupações, das ocupações ao controlo operário, às comissões políticas e às assembleias democráticas onde se começa a levantar a questão do poder. E não só a vanguarda operária, mas também os assalariados rurais, os soldados, uma parte dos empregados. «Ofereceis-nos a revolução e o poder popular? Pois nós tomamo-los!» — tal é a resposta das massas revolucionárias ao Conselho da Revolução, ao governo reformista e ao renegado Cunhal. A tentativa de enganar o povo com reformas não resulta.

Isto não quer dizer que o movimento popular tenha já envergadura para tomar o controlo da situação e levar a burguesia de vencida. Pelo contrário, as suas fraquezas tornam a situação perigosa.

A demagogia reformista usada em doses maciças pelo partido revisionista e pelo MFA conseguiu os seus efeitos de confusão sobre largas massas trabalhadoras que não acompanham a vanguarda e se mantêm paralisadas por ilusões conciliatórias; a incapacidade do governo para pôr a funcionar uma nova economia, livre do monopolismo e do imperialismo, desencadeia a revolta da pequena burguesia urbana e rural, enfurecida pelo descalabro económico; o legalismo cego e traidor dos reformistas favorece o reagrupamento e armamento da direita à luz do dia. Uma vez mais, como no Chile, o reformismo está a actuar como antecâmara do fascismo, a quem prepara as condições ideais: desorganização das forças revolucionárias, benevolência e cumplicidade com os reacçãoários, subserviência perante o imperialismo, entrega dos sectores intermédios aos manejos da direita.

O FRACASSO DO «SOCIALISMO» REVISIONISTA

As medidas «socialistas» adoptadas nos últimos meses pelo governo não só não melhoraram a situação das grandes massas trabalhadoras como apressaram o caos da economia.

As nacionalizações e o controlo, tal como foram postos em prática pelo governo e pelos seus agentes revisionistas, tiveram em mira desviar os trabalhadores das medidas revolucionárias que a situação exige e poupar a burguesia à expropriação.

Todos sabem que a ameaça do colapso económico vem da pilhagem e da sabotagem desenfreada dos capitalistas, dos laços de dependência que nos amarram aos «trusts» imperialistas, da especulação e do mercado negro, da burocracia e da tecnocracia parasitária que se instalou à cabeça das empresas nacionalizadas e as saqueia o melhor que pode. Nada funciona porque os burgueses em pânico levam o capital para o estrangeiro ou então correm ao lucro máximo e rápido sem olhar a meios, enquanto os imperialistas seguem um plano metódico de estrangulamento da economia.

Mas, em vez de medidas radicais, estabelece-se uma administração e um controlo dominado por funcionários do Estado e pelos burocratas da Intersindical, virada para a produtividade e a disciplina, cúmplice das negociatas e esbanjamentos dos capitalistas. A economia «socialista» está em caos e a sabotagem ao funcionamento das empresas conseguiu já levar em vários casos operários exasperados a reclamar a reentrega das empresas aos patrões, a fim de terem ao menos o pão assegurado.

Nas Beiras e no Norte, o governo ofereceu aos camponeses pobres e médios palestras educativas em vez da reforma agrária de que necessitam aflitivamente. Receosos de tocar nos interesses dos caciques e comerciantes intermediários, receosos do desencadeamento da onda revolucionária camponesa, revisionistas e reformistas prepararam as condições que estão a levar grandes massas de camponeses exasperados com a crise económica para o lado dos partidos fascistas. No Sul, o governo teve que ceder perante o poderoso movimento proletário de ocupação dos latifúndios. Mas imediatamente o partido revisionista, principal agente da burguesia reformista nesta região, pôs mãos à obra para levar a revolução agrária ao fracasso: privadas de créditos e do apoio técnico do Estado, defrontando

enormes obstáculos para a comercialização da produção, as cooperativas atravessam uma situação difícil. Já nalgumas herdades aparecem grupos de camponeses desesperados, dispostos a entregar de novo a terra aos latifundiários para fugir à fome.

Torna-se claro que todo o programa «socialista» de inspiração revisionista, desde as nacionalizações ao controlo, actua de facto como uma provocação destinada a criar uma situação insustentável, a «provar» a falência do socialismo e a preparar as condições para a restauração da ditadura dos monopólios.

TODOS OS CAMINHOS DA BURGUESIA VÃO DAR AO FASCISMO

Nas últimas semanas, sectores cada vez maiores da burguesia mandam ao diabo a experiência reformista e passam-se a toda a pressa para a direita. «Se isto continua assim, a população acaba por querer mandar», protestam os burgueses que ainda há três meses saudavam de punho fechado e gritavam pelo socialismo. Assustada pelo ponto a que se chegou, amparada pelos empurrões que lhe vêm da América e da Europa e pela concordância da Rússia, a burguesia reaccionária retoma a iniciativa, reclama o restabelecimento da «ordem», quer um governo que ponha termo à «indisciplina» nos quartéis, aos saneamentos «selvagens», às ocupações «selvagens». às greves «selvagens», ou seja, a repressão sobre as massas antes que seja tarde demais.

A chave desta guinada à direita está nos altos comandos do Exército, no MFA, porque é ele que detém o poder burguês. Durante 16 meses, toda a burguesia em coro tentou convencer as massas de que era possível o exército burguês, fascista e colonialista, auto-transformar-se em exército «popular», «revolucionário», «socialista». Os revisionistas foram os mais activos propagandistas desta mentira contra-revolucionária, inventando durante um ano lendas sobre o carácter especial do MFA e a aliança povo-MFA.

Agora a maioria do MFA sacode a capa de «progressista» e põe a pistola sobre a mesa, mostrando o real apreço em que tem os discursos sobre a «vontade do povo». A nossa democracia tão gabada é mais frágil do que o vidro porque está entregue à guarda de generais que decidem a seu bel-prazer até onde pode ir essa democracia.

Os últimos acontecimentos não deixam lugar para dúvidas. **A fase da contenção da revolução por meio das reformas e da demagogia está chegada ao fim, entra-se na fase em que a burguesia vai tentar roubar ao povo as suas conquistas democráticas e vai tentar conter a revolução pelas armas.** É isto que quer dizer o rápido engrossar da direita nas últimas semanas, onde ao lado do ELP, do CDS e do PPD, enfileiram o PS, os «moderados» do MFA e toda a nova burguesia de tecnocratas e burocratas, todos eles dizendo-se «apolíticos» mas exigindo um governo de «ordem». Por último, vemos os revisionistas de Cunhal, obrigados a ficar para trás, para cumprirem a sua missão de sabotadores do movimento popular, a bater freneticamente à porta, pedindo para ser admitidos no novo clube dos defensores da ordem.

A ofensiva contra-revolucionária da burguesia, impelida pelo imperialismo americano e europeu, está a desenvolver-se por dois flancos. Numa primeira fase, a iniciativa pertenceu aos bandos fascistas organizados pelo CDS e PPD, aos motins e atentados, à campanha dos padres reaccionários, à ameaça do levantamento spinolista. Ela serviu para pôr em relevo a cobardia e total incapacidade do governo reformista, semeou o pânico nos «amigos do povo» que começaram imediatamente à procura da maneira de acalmar os fascistas, adubou o terreno para a segunda fase.

Foi a vez de entrar em cena a direita legal: o PS, Costa Gomes, os «moderados» do MFA chefiados por Melo Antunes. Estes encobrem a guinada reaccionária com uma pretensa alternativa social-democrata e com a denúncia dos processos social-fascistas dos revisionistas (no que têm o apoio dos seus

rafeiros de «esquerda», Vilar e MRPP). Assim vão ganhando a adesão ou neutralidade de largos sectores intermédios, fartos da impotência do governo e das manigâncias de Cunhal, assustados com a crise económica, dispostos a aceitar qualquer coisa que apareça como uma garantia contra a guerra civil. É a velha chantagem: se não queres uma ditadura de extrema-direita, conforma-te com um governo de direita.

Estas duas tácticas da burguesia reaccionária estão a apoiar-se mutuamente, por muito que digam que não têm nada a ver uma com a outra. Quanto mais os bandos do ELP atacam, mais os «moderados» pressionam para assumir o poder e «restabelecer a calma»; quanto mais os «moderados» apodrecem o regime por dentro com as suas intrigas e golpes de palácio, mais afoitos se tornam os fascistas nos assaltos e na preparação de um golpe sangrento.

Não sabemos ainda por onde vai tentar romper a contra-revolução mas uma coisa é certa: as duas alas da ofensiva burguesa conduzem ao mesmo fim — ao fascismo. A esse respeito não deve haver qualquer dúvida; neste momento, não existe em Portugal lugar para um regime de estabilidade burguesa social-democrata. No ponto a que chegámos, todo o governo que queira contentar a burguesia e reganhar a confiança do imperialismo, tem de fazer o movimento voltar atrás: restabelecer a «disciplina» nos quartéis e nas fábricas, acabar com as ocupações de terras e de casas, reprimir os órgãos da vontade popular.

A burguesia reaccionária dispõe do Exército, do Estado, das alavancas da economia, dos partidos burgueses, da igreja; ela trata de agrupar à sua volta a pequena burguesia, os colonos, os sectores mais instáveis dos empregados, joga com o descontentamento dos camponeses, tenta lançar a confusão, a divisão, a apatia e o pânico na classe operária e nas massas populares.

Não há três saídas, mas duas: ou a revolução avança e triunfa, ou a burguesia e o imperialismo impõem um novo regime fascista.

OS REVISIONISTAS EM CRISE

Desde o 25 de Abril e até há pouco, o partido revisionista português esteve lançado ao ataque e conseguiu sobrepor-se aos restantes partidos burgueses. Servindo-se da sua influência de massas e de toda a espécie de métodos social-fascistas, conseguiu o controlo da central sindical e de grande número de organismos de massas, entrincheirou-se nos meios de informação e nos órgãos de administração local, meteu-se nas engrenagens do novo capitalismo de Estado «socialista». Sabendo-se uma força imprescindível na sustentação do poder reformista, animado pelas suas fortes posições dentro do MFA, o partido revisionista lançou-se em disputa aberta com o PS e outros partidos da burguesia pelo controlo do aparelho de Estado.

Esta agressividade não quer dizer que os revisionistas sejam mais radicais do que os seus comparsas europeus. É a força do movimento popular que os obriga a acompanhar a passada, para não ficarem para trás e poderem continuar a sabotá-lo por dentro; é a força do movimento popular que lhes dá ambições de subirem ao poder a cavalo nas massas. Metendo-se à cara dos trabalhadores como partido «comunista», a camarilha de Cunhal espera poder tapar o caminho à revolução, usar o movimento popular em seu proveito, apossar-se do poder e passar Portugal para o campo do social-imperialismo russo.

Mas agora as suas esperanças estão a ir por água abaixo. A falência do reformismo arrasta consigo uma profunda crise do partido revisionista, que jogou tudo na «via socialista pela aliança povo-MFA». Durante um ano, o Exército e os partidos tiveram que tolerar as avançadas revisionistas porque precisavam deles para conter o movimento de massas; o partido revisionista era o mais apto para levar a cabo a grande manobra das concessões «razoáveis», das reformas salvadoras do regime burguês, era tão essencial à burguesia como o

próprio Exército. Agora que a burguesia deixou de jogar no reformismo e passa ao contra-ataque, o papel de primeiro plano dos cunhalistas é contestado, as rivalidades explodem; vai começar um novo acto da peça e os revisionistas são levados aos empurrões para os bastidores.

Sabendo que correm o risco de ser encostados à parede e fuzilados pela direita, desejosa de lhes fazer pagar caras as suas experiências reformistas e os seus fretes aos russos, os revisionistas chegaram a um beco sem saída: não podem avançar com as massas contra o fascismo porque temem que isso desencadeie a revolução, mas também não podem recuar, porque temem cair no precipício. É isso que os leva a manobrar febrilmente por todos os lados à procura de apoios: fazem apelos patéticos a uma «frente popular e socialista», namorando aqueles que até há pouco perseguiam; conspiram golpes militares de «esquerda», na esperança de poder vir a dominar os seus rivais fascistas e a subjugar o povo revolucionário; ao mesmo tempo, negoceiam com a direita, procurando garantias de que lhes será reconhecido o direito de continuar a prestar os seus serviços numa ordem nova.

A crise actual dos revisionistas é o estrebuchar dos traidores do povo, entalados na engrenagem que eles próprios puseram em movimento. Mas isso não quer dizer que desapareçam por si: se não aniquilarmos rapidamente a sua influência sobre as massas populares, permitir-lhes-emos recomeçar de novo a sua tarefa de traição.

O INIMIGO NO MEIO DO POVO

A expansão revisionista destes 16 meses mostrou-os na sua verdadeira natureza de partido de direita com máscara de esquerda. O essencial da tática revisionista é a política de duas caras: acompanham o movimento de massas para transformar as suas reivindicações revolucionárias em inofensivas reformas nos limites da legalidade e do sistema burguês; vão

ao encontro das tendências revolucionárias para as apodrecer, ajudam a burguesia a reorganizar-se e a preparar o contra-ataque. Numa palavra, prometem o socialismo para salvar o capitalismo; apregoam a revolução para preparar a contra-revolução. Aquilo que melhor resume o carácter traidor do partido revisionista é o facto de ele ter baseado toda a sua política desde o 25 de Abril na defesa fanática do MFA, pilar armado da ordem burguesa, fazendo o possível por entregar o povo confiante e desprotegido nas mãos dos seus carrascos de amanhã. Se mais não houvesse, isto bastaria para os classificar como inimigos do povo.

Mas a política de duas caras em que os revisionistas são mestres torna o seu isolamento e liquidação uma tarefa difícil e demorada. Não há dúvida de que nos últimos meses, sentindo-se à vontade, eles abandonaram certas precauções e recorreram com frequência cada vez maior a processos social-fascistas: viciaram assembleias e plenários, debates e eleições; furaram greves, fizeram apelos à batalha da produção e à colaboração de classes, agiram como bufos; insultaram, caluniaram e perseguiram os revolucionários; em certas empresas nacionalizadas e órgãos económicos passaram mesmo de cúmplices da exploração capitalista a participantes directos nela, beneficiando da mais-valia arrancada aos trabalhadores.

Tudo isto lhes acarretou a aversão de muitos operários e camponeses. Mas nós não podemos ignorar que o desmascaramento dos revisionistas perante a classe e as grandes massas apenas começou e que é preciso um trabalho em profundidade para os expulsar do meio do povo e os obrigar a apresentarem-se como inimigos que são. A experiência deste ano confirmou aquilo que os verdadeiros comunistas sempre têm afirmado: **os revisionistas modernos são o agente do inimigo de classe infiltrado dentro do movimento operário e popular e a 5.ª coluna do social-imperialismo russo na sua campanha de dominação do mundo.** Durante um ano, prestaram à burguesia um serviço que mais ninguém lhe poderia prestar, ao mesmo tempo que abriram Portugal às manobras imperialistas da

Rússia, arrastando o nosso país para centro de disputa das duas superpotências. Mas é preciso que isto, que é claro para nós, se torne claro também para a classe operária e as grandes massas.

A luta contra o fascismo, o grande capital e o imperialismo que se levantam diante de nós não pode ter êxito se não limpamos as fileiras populares dos sabotadores revisionistas. Neste momento, eles estão a tentar aproveitar a activação da luta popular antifascista para se apresentarem às massas como vítimas da direita e campeões da liberdade; com protestos enganadores contra o fascismo, tentam reganhar a confiança do povo e controlar o movimento de novo em seu proveito. Sem desmascarar, isolar e liquidar esta traição não há vitória possível.

O IMPERIALISMO E A FONTE DO FASCISMO

As ameaças externas sobre a nossa revolução agravam-se de dia para dia. As duas superpotências, mais agressivas à medida que se agrava a crise mundial do capitalismo, fazem sentir a sua rivalidade e ingerência nos países europeus. Portugal tornou-se um dos centros principais desta disputa. Os dois bandidos imperialistas jogam com os destinos do povo português com o maior cinismo e cada um pelo seu lado prepara aqui uma guerra civil, que lhes permita avançar mais uma pedra no tabuleiro em que se dispõem as forças para a 3.ª guerra mundial.

Embaixadores e agentes secretos espionam, intrigam, traficam armas e propõem governos. Os americanos exigem a restauração de um regime fascista e fazem chantagem sobre o governo por meio do ELP, do boicote económico e das provocações separatistas dos Açores e Madeira. Os russos empurram para diante o grupo de Cunhal e fazem ofertas aliciantes, na intenção de levantarem embaraços ao domínio americano e de virem a fazer de Portugal uma base político-militar da

sua expansão no Mediterrâneo. Os imperialistas europeus, pela sua parte, fazem o que podem para estrangular a economia e assim imporem o retorno a um regime «seguro». Portugal é como uma colónia aberta a todas as ambições e disputas dos imperialistas, tal como no tempo de Salazar.

A experiência está mostrando como é ilusório pensar que se pode aniquilar o fascismo e estabelecer em Portugal uma verdadeira democracia popular sem travar desde já uma batalha decisiva contra os imperialismos. Dispondo de liberdade de acção no nosso território, apoiados na criminosa cumplicidade da grande burguesia, os imperialistas conseguem destruir num dia o nosso trabalho e as nossas conquistas de meses.

O impulso principal da actual ofensiva contra-revolucionária vem dos Estados Unidos. É esse agora o principal inimigo externo do nosso povo, contra o qual tem que ser virada fundamentalmente a luta pela Independência Nacional.

Nós temos em conta que o social-imperialismo russo vive uma fase expansionista e acentua a sua pressão sobre a Europa meridional e ocidental, assim como sobre outras regiões do mundo, a coberto da máscara «socialista» que não permite às grandes massas associá-lo ainda com a pilhagem e a guerra que é a sua natureza. Também temos em conta que o imperialismo americano se afunda lentamente na decadência e no descalabro, como o mostraram as estrondosas vitórias dos povos do Vietname, Camboja e Laos, e que, além disso, está já largamente desmascarado perante o nosso povo pelos seus crimes.

Contudo, continuam a ser os Estados Unidos que exercem sem partilha a sua colonização imperialista sobre Portugal. Servindo-se da dominação económica e da ocupação militar da NATO, mantêm sob o seu controlo amplos sectores da burguesia reaccionária e dos órgãos do Estado, fazem chantagem sobre o governo reformista, reorganizam e armam os reaccionários e empurram para o triunfo de um novo regime fascista. Sem combate frontal ao imperialismo americano não existe neste momento qualquer posição democrática ou patriótica em Portugal.

No entanto, os governos do MFA demonstraram já a sua incapacidade total para lutar contra esta submissão nacional ao estrangeiro, que é a fonte principal do fascismo. Passado um ano e meio sobre o 25 de Abril, o País continua amarrado à grilheta americana e europeia, na mais completa dependência militar, política e económica; nem sequer o odiado Pacto Ibérico foi rompido. Invocando a necessidade de «prudência» e de «evitar a ruína da economia nacional», os governantes inventam desculpas para não tocar nos interesses dos patrões estrangeiros e acatam as suas ordens. E o falso comunista Cunhal, que no tempo do fascismo se fazia passar por grande patriota, tirou também a máscara desde que se apanhou no governo, tornou-se cúmplice dessa política, pede investimentos estrangeiros e negocia fretes a americanos e russos.

O povo começa a compreender que os argumentos de alta política encobrem uma política de traição nacional e que é preciso tomar em mãos a luta para expulsar o imperialismo, como condição para o triunfo da revolução.

2 — SÓ A UNIDADE DO POVO SALVARÁ A REVOLUÇÃO!

E PRECISA UMA AMPLA FRENTE DE LUTA, JÁ!

A situação não deixa lugar para dúvidas: **encontrar o caminho para erguer todo o povo contra o assalto reaccionário conduzido pelo imperialismo americano é a questão mais decisiva que se coloca hoje a todos os democratas, patriotas e progressistas.** São os destinos do povo de Portugal que estão em jogo: vamos avançar na construção dum Portugal livre e independente ou vamos recair sob a pressão dum fascismo ainda mais terrorista do que o de Salazar-Caetano?

Os acontecimentos de Agosto mostram que o inimigo está ao ataque e que não perde um dia sequer na sua avançada criminosa. Por isso, os comunistas têm que fazer apelo a todas as suas energias, vencer as suas enormes fraquezas e, ao mesmo

tempo que lutam para pôr de pé o Partido Comunista, dar já o máximo esforço para a construção duma ampla Frente anti-fascista e patriótica capaz de unir e galvanizar o povo para enfrentar vitoriosamente o fascismo e os americanos.

Tudo o que se fez até agora nesse sentido é muito pouco. Temos de encarar a questão numa perspectiva muito mais larga e mais séria do que até aqui. Neste momento, tudo o que existe em Portugal de progressista e patriótico deve ser unido nessa frente de luta, sem distinção de ideologia ou classe. Cabem aí não só os operários, assalariados rurais e camponeses pobres, soldados e marinheiros, mas também a massa dos empregados, dos estudantes e intelectuais, dos camponeses remediados, da pequena burguesia das cidades e dos campos, cujos interesses são opostos à ditadura fascista-imperialista que se prepara. Cabem aí, não apenas os comunistas e partidários da democracia popular, mas também os milhares e milhares de aderentes aos vários partidos políticos, em especial do «PC» e PS, desorientados e enganados pelos seus chefes reaccionários, mas sinceramente desejosos de ver o país livre da praga fascista. Cabem aí os oficiais progressistas que já mostraram a sua sinceridade e respeito pelo povo; cabem aí os católicos progressistas e aqueles que ainda vacilam devido à campanha da hierarquia reaccionária, mas que não querem o fascismo. Cabem aí as mais variadas organizações de massas, os partidos anti-fascistas e anti-imperialistas. A Frente é para o povo e dela só devem ser excluídos os inimigos do povo e os seus agentes comprovados.

Toda a discriminação deve ser banida como suicida. Se a tática do inimigo é dividir e reduzir o campo popular democrático, a nossa tática tem que ser contrária: alargar o campo anti-fascista e patriótico, isolar o inimigo para o derrotar.

Os comunistas sabem que a Frente não pode ser decretada de improviso por um acordo entre direcções de partidos; mesmo que tal acordo fosse possível agora, não estão reunidas as condições mínimas para assegurar o seu êxito. Mas a Frente

pode surgir desde agora em torno da acção de massas. A Frente unida na base, em torno das lutas concretas, em torno de comissões, organismos e movimentos constituídos para fins precisos, para objectivos imediatos, é possível desde já. É nesse sentido que dirigimos o nosso apelo a todos os que querem barrar o caminho ao fascismo.

O INIMIGO BATE-SE NA LUTA DE MASSAS

Estamos em luta acesa contra dois inimigos, fascistas e revisionistas, um disparando sobre o povo, o outro amarrando-lhe as mãos. Estes dois inimigos são por sua vez os agentes dos dois bandidos imperialistas, os EUA e a URSS, um a cavalo sobre as nossas costas, o outro a empurrar a porta. É uma luta de vida ou de morte, uma luta em duas frentes.

Esses inimigos lutam entre si para saber qual ganha o direito de ser o nosso dono. Como vamos explorar essa rivalidade sem fazer nenhum movimento em falso que só sirva para favorecer um inimigo à custa do outro?

É no decurso da luta de massas contra o capital, contra o fascismo e o imperialismo, pela Liberdade, pelo Pão, pela Terra, pela Independência, pela Paz, que se constrói a força popular, se batem os reaccionários e se expulsam do meio das massas os sabotadores revisionistas. A prática deste último ano, somando-se à que os marxistas-leninistas já tinham acumulado no tempo do fascismo, provou a inteira justeza desta linha.

Avançamos sempre que soubemos ligar-nos à classe operária e às massas, fazer nossas as suas aspirações, guiá-las nas suas lutas, apoiar os direitos do povo trabalhador. Foi assim na grande manifestação da Lisnave pelos saneamentos, na arrancada do 28 de Setembro contra os spinolistas, na manifestação do 7 de Fevereiro contra o desemprego, no 11 de Março contra a sublevação fascista, no grande movimento de ocupação das terras, das fábricas e das casas, nas lutas dos

soldados pela democracia nos quartéis, na manifestação popular contra a fuga dos pides e na grandiosa manifestação que acaba de ter lugar em Lisboa pela democracia popular, em 20 de Agosto.

Cada uma destas jornadas de luta é um marco de avanço político dos comunistas. Em cada uma delas ganhámos maior ligação às massas, novos militantes, novas perspectivas revolucionárias. Em cada uma delas reforçámos a luta do povo e enfraquecemos o inimigo fascista-imperialista. E em cada uma delas, através da luta de massas, tirámos a máscara aos traidores revisionistas, forçámo-los a aparecerem contra as massas e contra a revolução.

Foi na luta que fortalecemos o povo, golpeámos o inimigo fascista-imperialista e isolámos o inimigo revisionista. E pelo contrário, marcámos passo e perdemos terreno sempre que nos deixámos isolar das grandes massas, sempre que não estivemos atentos às suas reivindicações e substituímos a luta pelas proclamações «esquerdistas». Aí, foram as massas e os comunistas que perderam e os fascistas, revisionistas e imperialistas que ganharam.

A lição é bem clara. Na agitação, na propaganda, na organização, no Norte e no Sul, a ORPC (m-l) tem que continuar sempre na brecha ao lado das massas. É daí que nos vem a força. À medida que os comunistas se tornam como unha e carne com os operários, camponeses, soldados, com todos os pobres da cidade e do campo, eles ganham mais audácia, clarividência e confiança na revolução e aprendem a usar melhor o marxismo-leninismo como um machado bem afiado para cortar a árvore podre do capitalismo.

CORRIJAMOS A NOSSA LINHA DE MASSAS

Os nossos êxitos, a justeza da nossa linha política que nos ganhou um lugar bem demarcado no campo popular, não nos devem fazer esquecer as insuficiências, erros e desvios que não nos permitiram avançar como se exigia de nós.

Nos sindicatos e comissões de trabalhadores, nas assembleias de aldeia e ligas camponesas, nas comissões e assembleias de soldados, nas comissões de moradores, em todos os órgãos democráticos de massas, a nossa influência é quase sempre difusa e superficial. As nossas posições nesses organismos não são sólidas: arrancadas a pulso por um esforço momentâneo, em breve são perdidas ou simplesmente abandonadas. No conjunto, a implantação real dos comunistas é fraca.

Isto deriva do estilo que ainda predomina no nosso trabalho, estilo de agitação política de rua, saltitando dum lado para o outro, agitação sem organização nem seguimento, a maioria das vezes dominada pelo palavreado «esquerdista» a substituir o trabalho sério e continuado.

A nossa actuação nos sindicatos e outros órgãos amplos de massas é ainda, na maioria dos casos, uma sucessão de erros «esquerdistas» que nos privam do apoio das grandes massas. Se tantos dos nossos camaradas se sentem mal nessas tarefas e tendem a fugir-lhes é precisamente porque aí não podem dar largas ao sectarismo em que estão entranhados. É para fugir a esta dura realidade que muitos comunistas continuam a procurar um trabalho de massas a seu gosto e que pendem para a agitação de rua em geral altamente politizada, fechada à grande massa, e cujo efeito é isolar mais ainda a vanguarda. A UDP, apesar de tudo o que tem feito de positivo na luta anti-fascista e anti-imperialista e no desmascaramento do revisionismo, está a ressentir-se do peso do «esquerdismo» que não lhe tem permitido alargar-se às mais amplas massas e desempenhar o papel que lhe cabe.

Já está bem provado que este estilo de agitação inconsequente e «esquerdista» isola a vanguarda das massas e permite aos revisionistas e a outros partidos da burguesia irem colher muito daquilo que nós semeamos. Se ainda não corrigimos este estilo é porque domina ainda na nossa organização uma incompreensão de fundo sobre o que é a linha revolucionária e o que a distingue da linha revisionista. Muitos

camaradas usam o combate ao revisionismo para dar largas à sua impaciência «esquerdista», que é uma fuga pequeno-burguesa ao trabalho de massas. Tendem a acelerar continuamente as palavras de ordem, desprezando a necessidade de avanço gradual do movimento pela acumulação de experiências.

Persistir nestes erros no momento actual seria criminoso. Enquanto grandes sectores do proletariado, do campesinato e de todo o povo permanecerem apáticos para a luta, manobrados pela direita ou paralisados pelo aparelho revisionista, enquanto o proletariado não constituir de facto um exército em linha de batalha, enquanto a influência comunista formar só **pequenas ilhas** no mar do povo e nas suas organizações, não só não conseguiremos dirigir o que quer que seja, como estaremos acumulando perigos enormes sobre o desenvolvimento da nossa revolução. O distanciamento entre a vanguarda e as grandes massas, é uma ferida aberta a que os comunistas têm que pôr termo imediatamente.

OS CAMPONESES NÃO PODEM FICAR A MARGEM DA REVOLUÇÃO

A marcha da nossa revolução tem sido marcada por um desnível brutal entre as cidades e os campos. Nas cidades, e na região de Lisboa em especial, os sectores mais avançados da classe operária e os sectores mais avançados da pequena burguesia urbana, dos estudantes e intelectuais sobretudo, avançam incessantemente as suas reivindicações até começarem a colocar a questão do poder. Mas em vastas regiões do campo continua a viver-se como no tempo do fascismo, com os camponeses sofrendo a miséria e subjugados aos proprietários, alheados do movimento revolucionário e por vezes manobrados pelos caciques fascistas.

Isto significa que, na prática da luta, a classe operária está a trocar a aliança com o campesinato pela aliança com

a burguesia radical, e é ameaçada por isso mesmo de ser arrastada para a derrota. Ao apoiar-se nos sectores mais radicalizados da pequena burguesia, a vanguarda operária tende inevitavelmente a contagiar-se com a instabilidade desta e deixa-se arrastar para a aceleração das palavras de ordem, para o isolamento das grandes massas e para o aventureirismo. Existem já manifestações claras desse desvio.

A experiência do nosso movimento operário a este respeito é bastante rica e deve servir-nos de aviso sério. As tendências oportunistas na direcção do Partido Comunista resvalaram sempre, quer para a aliança com a pequena burguesia radical, dando como resultado um oportunismo de «esquerda», putchista e aventureiro, queimando a vanguarda operária em golpes armados, quer para a aliança com a burguesia liberal, dando como resultado um oportunismo direitista, conciliador e pacifista, que privou o proletariado dos seus objectivos revolucionários para não assustar os aliados burgueses. Foi assim que se gerou o oportunismo crónico e a podridão revisionista.

Na conjuntura revolucionária que atravessamos, a manter-se esta aliança da vanguarda proletária com a pequena burguesia radical, significaria a curto prazo o isolamento da revolução e a sua derrota, que é a tática do imperialismo.

A revolução democrática popular não pode ser feita sem os camponeses. Os comunistas devem ter presente que, embora os camponeses não acompanhem a rápida politização das grandes cidades e em muitas zonas se tornem mesmo reserva dos partidos da direita, isso não altera o facto de que só a **revolução democrática popular pode dar-lhes aquilo que eles exigem**; nenhum governo burguês pode satisfazer as suas reivindicações. Se a burguesia desse aos camponeses a terra, se os libertasse da pilhagem do capital comercial e bancário, se lhes garantisse créditos, adubos e alfaias a baixo preço, teria que se suicidar como burguesia. A Reforma Agrária, na realidade e não em discursos, só um governo popular a pode levar a cabo. Quando os operários conseguirem fazer compreender isto às grandes massas camponesas, pela prática da luta, elas

tornar-se-ão no mais firme aliado do proletariado e não recearão levar a revolução até ao fim com a maior energia. Alguns exemplos positivos de luta já demonstraram essa imensa capacidade revolucionária do campesinato que é preciso despertar e pôr em movimento.

A REVOLUÇÃO PRECISA DA DIRECÇÃO OPERÁRIA

O movimento de massas, para não ser uma onda cega, manobrada e traída por todos os inimigos do povo, precisa de ter um alvo claro e uma força dirigente. O alvo é a Democracia Popular, a força dirigente é a classe operária.

A grandiosa manifestação popular de 20 de Agosto, em que os comunistas e os partidários da democracia popular tiveram uma acção preponderante e que obrigou os revisionistas a rastejar atrás das massas, marca sem dúvida alguma uma fase nova na marcha da nossa revolução. O programa dos oficiais progressistas que as massas aí apoiaram não é mais um programa demagógico burguês que faz promessas para desviar da luta; é um programa que chama à luta contra o fascismo, os imperialismos e os sabotadores revisionistas, um programa virado para o reforço dos órgãos de vontade popular; nesse sentido o apoiámos sem reservas, apesar das suas limitações. No 20 de Agosto, os trabalhadores chamaram para o seu lado os soldados, para juntos tomarem a cabeça da luta, contando com as próprias forças.

A via traçada pela manifestação de 20 de Agosto é a via da direcção operária na revolução. É preciso dizê-lo porque ainda são muitos os que vivem na ânsia de encontrar uma ala burguesa qualquer capaz de tomar a revolução a seu cargo. É daí que vem a expectativa perante o desenrolar dos golpes e contra-golpes das diversas facções burguesas, é daí que nascem as esperanças sobre a possibilidade de elevar desde já ao poder um governo burguês de independência nacional. Esse governo não existe. As tarefas que nos são postas pela própria

vida são tarefas para o proletariado, não para a burguesia. É o proletariado que tem que traçar os objectivos da luta, reunir à sua volta todo o povo e levá-lo ao combate.

Por isso, a tarefa central do Partido Comunista que agora reconstruímos é mobilizar, unir e organizar o proletariado, falar-lhe uma linguagem de classe, apoiar em cheio as suas reivindicações, apontar-lhe o alvo da ditadura sobre a burguesia.

É só desenvolvendo ao máximo toda a tensão de esforços de que é capaz para se libertar das cadeias do capital e do imperialismo, que a classe operária consegue transformar-se no núcleo central da revolução à volta do qual tudo se agrupa. São erradas todas as linhas que, em nome da necessidade de uma ampla frente e de metas imediatas, querem calar ou abafar a voz da classe operária, limitar a sua independência política e organizativa, fazer dela uma espécie de força de choque poderosa mas sem cérebro. Essa é a via do oportunismo, do revisionismo e da derrota, de que há já longa experiência em Portugal.

A classe operária tem que olhar decididamente para o farol da ditadura democrática popular e somos nós que temos que lho mostrar, não amanhã mas hoje.

O ALVO DA LUTA: A REPÚBLICA POPULAR

Se quisermos saber qual é a meta da luta revolucionária actual, devemos perguntar o que querem as grandes massas, de que precisam elas para conquistar uma vida nova, livre do fascismo, da exploração e da guerra. As massas querem a Liberdade, o Pão, a Paz, a Terra, a Independência nacional, e isso só uma nova República Popular lhes poderá garantir. As cinco bandeiras da Democracia Popular de que os comunistas fazem o seu programa de luta imediata reúnem em si todas as grandes exigências do povo no momento actual.

LIBERDADE — um novo regime de ampla democracia para o povo, baseado no poder das comissões e conselhos populares; um novo exército limpo da casta militar e governado em total democracia; repressão rigorosa sobre os fascistas, os seus partidos e a sua imprensa; criação de milícias populares, dissolução da PSP e GNR, tribunais populares; liquidação de todas as engrenagens opressivas, expropriadoras e parasitárias do velho Estado fascista; acabar com a influência reaccionária da Igreja no ensino e na cultura.

INDEPENDÊNCIA — acabar com a dominação militar imperialista sobre a nossa pátria, anular a concessão de bases, não tolerar a sua intromissão na nossa política interna, expropriar sem indemnização o capital monopolista estrangeiro, fazer a reconversão da economia nacional de modo a torná-la independente da chantagem das superpotências, ligar Portugal aos países do 3.º mundo.

PÃO — destruir até ao fim a estrutura monopolista criada pelo grande capital, tornar o sector nacionalizado sob direcção do Estado popular num motor de toda a economia, pondo fim à crise e ao desemprego; expropriar as grandes fortunas, abolir todos os impostos para os trabalhadores e carregar nos impostos aos ricos, reduzir gradualmente as diferenças de salários e rendimentos; libertar o pequeno comércio e a pequena indústria da exploração bancária e comercial, apoiar a sua passagem ao regime cooperativo; todo o apoio estatal à criação de cooperativas de consumidores; lei de reforma urbana que garanta o direito à habitação.

TERRA — impulsionar a ocupação total da terra pelos que a trabalham; nenhuma indemnização aos latifundiários e proprietários; reconhecer e proteger o direito à pequena e média empresa agrícola; garantir o apoio estatal às cooperativas camponesas em créditos, maquinaria e comercialização dos produtos.

PAZ — relações em pé de igualdade e não-ingerência com os países que liquidaram a ocupação colonial portuguesa; luta contra o hegemonismo das superpotências na Europa e contra a ameaça de 3.^a guerra mundial, abandono da NATO, ruptura do Pacto Ibérico, apoio à frente dos povos contra o imperialismo americano e o social-imperialismo russo, relações em pé de igualdade com todos os países segundo os princípios da coexistência pacífica.

Estes são os objectivos por que lutamos. Ao contrário dos demagogos burgueses que prometem o socialismo e a sociedade sem classes a torto e a direito, mas não dão nenhum passo sério, nem sequer para expulsar o imperialismo, nem sequer para realizar uma verdadeira reforma agrária, os comunistas apontam a meta imediata e o meio de a conquistar. A revolução democrática popular é o degrau que a própria vida nos apresenta e que temos que transpor, para atingirmos depois o socialismo e o comunismo. A revolução democrática popular não liquida ainda o capitalismo mas dá-lhe o primeiro golpe e é ela e só ela que lança as bases para o seu desaparecimento. Levando a cabo todas as transformações democráticas e patrióticas que a burguesia sempre foi incapaz de realizar no nosso país, a revolução democrática popular limpará o terreno para a passagem à revolução socialista. Agora, todos os nossos esforços se devem concentrar na luta pela República Popular.

ELEVEMOS O POVO A LUTA PELO PODER

A República Popular só começará a existir quando o povo derrubar o poder actual e instaurar em seu lugar um poder novo, uma ditadura democrática revolucionária dos operários, camponeses e restantes trabalhadores, capaz de garantir o funcionamento da democracia para o povo, capaz de esmagar de vez a resistência dos ricos e fascistas e de pôr na rua os imperialistas. Tomar o poder, é esta a única questão que o povo tem para resolver.

Mas o poder só se toma pela força. A burguesia é capaz de recuos e manobras mas não partilha o poder e está pronta a defendê-lo por todos os meios. O povo tem que se preparar para uma luta violenta, prolongada, e não dar ouvidos às promessas dum poder obtido pacificamente. Essas promessas lançadas pelo partido revisionista, pelo MFA, pelos partidos reformistas de «esquerda», representam um canto de sereia da burguesia para nos enganar e travar.

É falso que as comissões, conselhos e assembleias populares sejam já órgãos de poder. Nós damos-lhe um grande valor como novos órgãos democráticos criados pelas massas, como escolas para a luta pelo poder, como embriões do poder futuro. Mas elas não o exercem. É preciso não esquecer nunca que todo o poder está nas mãos do Exército e ainda de lá não saíu nem por um momento.

É falso que o poder possa ser transferido gradualmente das mãos do Exército para as comissões e assembleias. O Exército é comandado pela burguesia, serve a burguesia e jamais cederá o poder senão pela força. Em vez de esperar que o Exército nos entregue o poder, é preciso levar os operários, camponeses e soldados a desmantelar a estrutura desse Exército, que é hoje a maior ameaça à revolução. «*Sem desorganização do Exército nunca se deu nem pode dar-se nenhuma grande revolução. Porque o Exército é o instrumento mais fossilizado em que se apoia o velho regime, o baluarte mais petrificado da disciplina burguesa e da dominação do capital, da manutenção e formação da obediência servil e da submissão dos trabalhadores perante o capital. A contra-revolução nunca pôde tolerar que ao lado do Exército existissem operários armados.*» Estas palavras de Lenine são hoje mais actuais do que nunca.

É falsa a ideia de que a democracia popular se consiga por um meio-termo, com o povo fazendo pressão por baixo, limitando o poder da burguesia, forçando-a a concessões, mas sem a derrubar, sem instaurar a sua ditadura sobre ela. Essa foi

a burla inventada pelo traidor Cunhal quando se vendeu à burguesia e proclamou a «revolução democrática e nacional». Essa tal «revolução» sem tomada do poder é justamente a que nos têm dado desde o 25 de Abril: uma burla que leva as massas a dar um compasso de espera à burguesia em crise para ela se poder reagrupar e voltar ao ataque. A «revolução» cunhalista é a preparação do massacre do povo pelos fascistas.

Ou manda o proletariado ou manda a burguesia. No ponto a que chegámos, o único caminho para a frente é a tomada do poder pelo povo com a classe operária à cabeça. E àqueles que tentam travar as massas agitando o espantinho da guerra civil, devemos responder: a guerra civil será inevitável se o povo estiver indeciso, dividido, vacilante; quanto mais decidido ao combate, unido e organizado estiver o povo, menos dolorosa será a liquidação dos reaccionários.

A questão da conquista do poder é ainda para muitos o muro contra o qual se chocam as suas aspirações democráticas e revolucionárias. Como não encontram uma resposta eficaz para o avanço da direita, voltam-se para a conspiração de golpes de esquerda, ou para os apelos à tomada do poder.

Nós, comunistas, não vemos a conquista do poder como uma muralha intransponível nem como uma aventura desesperada, mas como um processo que eleva as grandes massas, para defenderem as suas conquistas, para apoiarem as suas reivindicações, para esmagarem a ameaça reaccionária, a usarem dos meios mais elevados de luta. A disposição de lutar pelo poder, de pegar em armas e enfrentar todos os sacrifícios, galvaniza milhares e dezenas de milhares de trabalhadores no decurso da luta cerrada de classes, quando o movimento de massas, para não se deixar esmagar, é confrontado pela necessidade de esmagar os seus inimigos. O avanço para o poder é ainda e sempre um problema da luta de massas.

Elevar novos e maiores destacamentos da classe operária, do campesinato, do povo em geral, à luta aberta contra os

fascistas, contra os ricos, contra os governos reaccionários, contra os imperialistas, levantar o povo na luta — é isto que nos conduz à disputa aberta do poder.

UNIDOS AS MASSAS EM LUTA, VENCEREMOS!

Os generais e políticos que preparam o «socialismo» fascista, os traidores cunhalistas, os direitistas de todas as cores ao serviço do imperialismo, querem convencer-nos de que a revolução tem avançado depressa demais e que é preciso recuar. Nós, comunistas, dizemos que é o contrário que se passa. **Faltam lutas de massas, falta organização popular, falta trazer novas centenas de milhares de anti-fascistas e patriotas para as posições da vanguarda!** É aí que temos que aplicar os nossos esforços para fazer pender a balança decisivamente para o lado da revolução e para esmagar a avançada fascista-imperialista.

O povo tem que ser levantado na luta pela Liberdade. É esta a frente decisiva da luta neste momento para travar a conspiração militar em marcha. É preciso erguer uma barreira de massas à ofensiva reaccionária do novo governo, não recuar nem um passo das conquistas alcançadas e fazer preparativos para responder a um golpe fascista que surja de fora ou de dentro do aparelho de Estado.

As lutas populares pelos direitos democráticos dos soldados ganham uma importância decisiva para cortar o terreno debaixo dos pés aos generais reaccionários. As lutas populares contra os bandos fascistas, pelos saneamentos, pelo julgamento dos pides, devem ser activadas, de modo a envolverem massas cada vez maiores do povo, levá-las a compreender o que está em jogo e temperá-las para lutas superiores. Fortalecer os órgãos da vontade popular, torná-los verdadeiramente representativos dos plenários, defendê-los das manigâncias fascistas ou revisionistas, é também uma tarefa essencial para dar ao povo os meios de impor a sua vontade. Ao mesmo tempo, torna-se

imperiosa a formação de grupos anti-fascistas de combate para lançar as bases do contra-ataque popular.

O povo tem que ser levantado na luta pelo Pão, que ganha uma importância cada vez maior na marcha da revolução. Na época em que o capitalismo se desmorona, a luta económica da classe operária deixa de ter o objectivo estreito de minorar a exploração e tende a transformar-se de imediato numa luta política superior. Ao lutar contra o desemprego e a derrocada económica, contra a especulação e a carestia, por maiores salários, contra os ordenadões e os parasitas, a classe operária está hoje a lutar pela sua sobrevivência. É isso que a empurra para as formas superiores de luta. A greve já não chega, é preciso avançar para as ocupações e o controlo operário. O sindicato já não chega, é preciso criar órgãos novos à altura das novas tarefas, as comissões de trabalhadores de cada empresa.

Usando a greve para arrancar maiores salários, manifestando-se na rua contra o desemprego, começando a exercer o controlo sobre a produção e a distribuição através das suas comissões, ocupando casas para morar, a classe operária tornará mais encarniçada a luta que a opõe à burguesia reaccionária e ao imperialismo, avançará novos passos no sentido da conquista do poder político, que se tornará uma necessidade absoluta para pôr fim à derrocada da economia.

O povo tem que ser levantado na luta pela Terra. É essa a condição para que as massas de camponeses pobres e médios não se tornem uma força de reserva da burguesia fascista e alinhem ao lado da classe operária na luta pela liberdade e pela democracia popular. O grande movimento das ocupações das terras tem que receber novo impulso e ser alargado ao Centro e Norte. É ele o motor da revolução no campo. A exigência de créditos e apoio técnico do Estado às cooperativas, a recusa a pagar rendas aos proprietários, a recusa a pagar os impostos, a tomada das comissões liquidatárias dos grémios, as greves contra os intermediários parasitas, são algumas das lutas que é preciso lançar, apoiando-se sempre na vontade ex-

pressa dos camponeses em cada caso. O decisivo na questão camponesa é chegar ao contacto com as massas de camponeses pobres e remediados, conhecer directamente as suas reivindicações e apoiá-las sem reservas.

O povo tem que ser levantado na luta pela Independência. É preciso que as palavras de ordem «Fora a NATO, fora a CIA, fora o Carlucci! Americanos fora das Lajes!» se transformem em manifestações de rua, em protestos, em acções das mais variadas. Uma campanha de massas anti-imperialista elevará a consciência revolucionária do povo, cercará os fascistas americanos tolhendo-lhes os movimentos, forçará o governo a tirar a máscara patriótica. A ameaça à integridade nacional representada pelas provocações separatistas nos Açores e Madeira deve suscitar uma resposta enérgica.

Ao mesmo tempo, devemos fomentar a vigilância popular contra a concessão de qualquer base, pesqueira ou não, aos imperialistas russos e desmascarar as suas negociações, infiltração e espionagem no nosso país.

O povo tem que ser levantado na luta pela Paz, contra os embarques para Angola, pelo regresso de todas as tropas, pelo reconhecimento da independência de Angola e Timor sem mais demoras.

Estas são as tarefas. Quais as perspectivas de vitória?

O inimigo procura apresentar um aspecto invencível para apavorar o povo mas está minado de contradições que o tornam fraco. O agravamento da crise económica na Europa e no mundo, a agudização das rivalidades entre os imperialistas, o ascenso da luta dos povos, anunciam uma nova grande crise mundial do capitalismo, cujas cadeias serão rompidas sob os golpes de novas revoluções populares vitoriosas. Portugal é um dos elos fracos dessa cadeia e os reaccionários não resistirão se lhes aplicarmos ataques persistentes e concentrados. Contra a confusão, a divisão, o cansaço, a indiferença, fomentados pelos inimigos, nós, comunistas, temos que agrupar na acção de cada dia as massas do povo, solidificá-las numa larga

Frente anti-fascista e patriótica e golpear implacavelmente as forças fascistas que se reagrupam. Unidos às massas em luta, venceremos!

3 — DERROTEMOS O DESVIO DE DIREITA!

UMA NOVA LINHA?

É bem conhecido que a nossa linha política tem estado submetida a uma campanha de crítica cerrada vinda de vários sectores. Existe hoje toda uma corrente de grupos que, em nome do marxismo-leninismo e daquilo a que chamam «a verdadeira linha do movimento comunista internacional», consideram que a principal ameaça para o nosso povo vem de uma ditadura social-fascista e da colonização pelo social-imperialismo russo. Acham que a luta contra o fascismo e o imperialismo americano é uma questão secundária ou mesmo sem importância. Acusam-nos de não compreendermos a natureza do revisionismo moderno, de não estudarmos as posições do Partido Comunista da China, de não falarmos suficientemente em social-fascismo.

Estas são as acusações que nos fazem. Nós naturalmente também temos a nossa opinião acerca dos críticos. Pensamos que as suas análises profundíssimas sobre a luta internacional das superpotências encobrem ideias muito estranhas sobre a luta de classes em Portugal. Pensamos que alguns desses teóricos ficaram de tal modo perturbados ao descobrirem (só agora) o carácter novo do revisionismo moderno que se lhes varreram da cabeça as noções elementares do marxismo-leninismo e começaram a dizer disparates reaccionários. Pensamos que todos eles mostram uma atracção muito suspeita pela burguesia e que falam uma linguagem que deixa qualquer operário revolucionário com os cabelos em pé. Em especial, àqueles que andam a descobrir que o perigo fascista não passa

de uma farsa montada por Cunhal para subir ao poder, nós queremos lembrar o perigo de irem acabar na lixeira para onde rebolou o Vilar.

Tudo isto não mereceria grande polémica e poderia considerar-se assunto esclarecido desde que vimos o Vilar e o MRPP, o PPD e o PS, todos irmanados na mesma campanha a que chamam «anti-social-fascista». Mas aconteceu que a OCMLP, cujas posições ideológicas sempre foram oscilantes, começou a vacilar sob o coro dos ataques e, receosa de ser arrumada como nós no grupo dos «neo-revisionistas», dos «apêndices e correias de transmissão de Cunhal e Brejnev», acabou por aderir à nova linha. A OCMLP chegou à conclusão de que o inimigo principal do povo português é o hegemonismo das duas superpotências e os seus lacaios internos e que desses o mais perigoso é o social-fascismo.

Teoricamente, isto é um absurdo; politicamente, é um compromisso com a direita. Daqui até pôr de lado a luta anti-fascista e anti-imperialista e trocar o movimento de massas por divagações reaccionárias não vai um grande caminho e a OCMLP está a percorrê-lo rapidamente. Vamos ver a seguir as conclusões direitistas que a OCMLP está a extrair da sua nova linha e os riscos que corre de se atrelar ao carro da burguesia reaccionária.

É evidente que isto ameaça a reconstituição do Partido. Nós queremos a unificação ideológica dos marxistas-leninistas e não uma salada russa. Além do mais, numa fase de luta aguda como a que vivemos, divergências destas são absolutamente inconciliáveis dentro do Partido. Por isso, nós temos que provar, no campo teórico e no campo prático, que essa pretensa nova linha não passa de uma falsificação anti-marxista que só pode levar e já está levando a três resultados, qual deles o mais reaccionário:

— isola os comunistas das massas, transformando-os numa seita;

- reforça a influência revisionista sobre a classe operária e o povo e portanto facilita o avanço do social-imperialismo russo;
- favorece o avanço da burguesia reaccionária e do imperialismo americano.

Sob as suas cores ultra-revolucionárias, é uma linha direitista, uma linha de capitulação perante a burguesia. Não é por acaso que os seus arautos em Portugal foram o MRPP e o Vilar. Temos que derrotar para que o Partido Comunista nasça como a verdadeira vanguarda revolucionária que o proletariado exige.

O QUE IMPEDE CUNHAL DE TOMAR O PODER

A base de toda a argumentação da nova corrente é a previsão de que está iminente o estabelecimento em Portugal de uma ditadura social-fascista às ordens do social-imperialismo russo. Mas ainda ninguém explicou como pode isso dar-se.

Toda a gente sabe que o partido revisionista português, empurrado pelo imperialismo russo, dispondo de uma máquina organizativa sem paralelo com os outros partidos burgueses, desfrutando do apoio activo de certos sectores da burguesia burocrata e tecnocrata, conseguiu uma forte infiltração no aparelho de Estado e faz uso dela para as suas manigâncias ministeriais, conspiratas e traições; toda a gente sabe que Cunhal (e por detrás dele os russos) anseia pelo poder e está disposto a tudo para o ganhar.

Daqui, os novos teóricos concluem que o partido revisionista, por meio da infiltração, do suborno e da chantagem, poderá conquistar todos os postos-chaves no aparelho administrativo e militar; e, dado que o Estado conserva ainda a estrutura centralizada do Estado fascista, não lhes será difícil encontrarem-se senhores absolutos do poder e passarem a exercer a sua ditadura social-fascista sobre o país. Estas são as deduções dos novos teóricos. Quanto a nós, elas mostram uma

incompreensão de fundo sobre a natureza do revisionismo e da luta de classes, que é reduzida por eles ao nível de um enredo de espionagem.

Um país de ditadura social-fascista, como a Rússia ou a Checoslováquia, é um país onde se realizou uma revolução proletária sob a direcção do seu partido comunista e onde, **depois de expropriada pela força a burguesia** e desmantelado o seu aparelho militar, político e administrativo, esta conseguiu tomar por dentro pacificamente o Partido e o aparelho de Estado e voltar ao poder depois de derrotada. A ditadura burguesa social-fascista que até hoje se conhece é produto da degeneração da revolução proletária. É no terreno varrido pela revolução que se vem instalar a nova burguesia social-fascista.

Para Cunhal estabelecer agora uma ditadura social-fascista em Portugal, ele teria que expropriar pela força a massa da burguesia, pôr a funcionar uma nova economia capitalista de Estado, reformar todo o aparelho de Estado, pôr o Exército às suas ordens, suprimir os partidos, etc. Pode Cunhal fazê-lo por um golpe estilo nazi, como pretende o «Grito do Povo»? Não, porque para um golpe desses é preciso contar com o apoio maciço da grande burguesia e de largos sectores da pequena e média burguesia, e isso jamais acontecerá. Nenhum burguês no mundo concorda em elevar ao poder um partido cujo programa consiste em expropriar o capitalismo privado; não há um único burguês que se deixe expropriar, mesmo que lhe garantam que ressuscita daqui a 10 anos sob a forma de novo capitalista de Estado. A burguesia aprecia muito os revisionistas como agentes especiais dentro do movimento operário, mas não os quer no poder.

A única possibilidade de Cunhal chegar ao poder, com o seu programa, seria apoiar-se na violência revolucionária das massas, conseguir que ela destruísse todo o actual poder estatal e aproveitar a derrocada para se instalar no poder. É esse o seu sonho. Mas a derrocada é o que Cunhal mais teme. Se há

alguma ideia que Cunhal tem bem metida na cabeça é justamente a ideia de que é preciso impedir a revolução. Todo o jogo político de Cunhal consiste por isso mesmo em manejar o movimento de massas, usando-as como arma de pressão para fazer avançar o seu partido, mas desviando-as constantemente da revolução. É esta contradição que impede Cunhal de subir ao poder: a burguesia não o quer no poder e ele não se pode apoiar no proletariado para conquistar o poder.

QUE ESPERANÇAS DÃO OS RUSSOS A CUNHAL?

Aqui acusam-nos os novos teóricos de não termos em conta o jogo das contradições à escala internacional. Vamos então ver esse jogo.

O partido revisionista português serve a burguesia imperialista russa, que é quem lhe fornece a base ideológica, política, militar, financeira, e em quem assentam as suas esperanças de algum dia chegar ao poder. Os imperialistas russos pela sua parte apoiam Cunhal e procuram empurrá-lo para o poder, fazendo namoro à burguesia reformista e acenando-lhe com a miragem de contratos vantajosos.

Pode isto levar a burguesia a passar-se para o campo social-imperialista, como por vezes se diz? Não, porque os seus laços de dependência com o imperialismo americano e europeu são tão apertados que ela não pode nem sonhar com isso. E não o deseja, pelo simples instinto de conservação.

Além disso, para os social-imperialistas, Cunhal é apenas um pequeno peão no seu jogo global com os Estados Unidos; tão depressa animam Cunhal a avançar, para aumentar a pressão sobre os americanos, como logo a seguir utilizam as vantagens assim obtidas para assinar um novo contrato de partilha com os rivais, sem querer saber da situação aflitiva em que deixam o lacaio. Foi o que aconteceu com a recente Conferência

Europeia de Helsínquia: antes da conferência, Brejnev animou Cunhal a avançar o mais possível, o que lhe permitiu assinar em Helsínquia um bom contrato de «estabilização» com os americanos; agora, assinado o contrato, não se importa de deixar Cunhal suspenso no ar, a receber fogo de todos os lados.

Isto quer dizer o seguinte: a rivalidade entre as duas superpotências agudiza-se mas a sua preparação para a guerra ainda não está completada. Elas realizam movimentos de avanço e recuo, de regateio e chantagem, na ocupação e controlo das zonas intermédias, acumulam febrilmente os armamentos, mas não chegaram ainda ao momento do enfrentamento decisivo, ao desencadear das hostilidades em toda a linha. É isso que explica que, embora os russos criem aqui todos os embaraços possíveis aos americanos e tratem de minar o seu domínio, lhes reconheçam contudo o direito de manter Portugal na sua zona e de servir aqui de polícias. Mesmo que Cunhal fosse degolado, os russos não fariam mais do que um protesto simbólico.

Para complicar ainda mais a situação do partido revisionista, os revisionistas franceses, espanhóis, italianos, cada um debatendo-se com os seus problemas próprios, fazem um coro de críticas, pressões e exigências contraditórias, obrigando Cunhal a manobras e zigue-zagues.

Em conclusão: o partido revisionista português, longe de seguir uma marcha arrogante para o poder como lugar-tenente dos russos, debate-se em contradições insolúveis: precisa de manter a sua influência de massas mas tem que se opor ao avanço da revolução; precisa da simpatia do proletariado e da confiança da burguesia; precisa de servir os russos mas tem que agradar aos americanos e europeus. É tudo isto que o impede de subir ao poder, apesar dos seus esforços frenéticos.

O revisionismo é um inimigo implacável e um tremendo perigo para o movimento popular e a revolução. Mas não porque esteja prestes a conquistar o poder de Estado. O perigo é outro.

O PARTIDO REVISIONISTA, UM PARTIDO FASCISTA?

Acusam-nos de vermos no partido revisionista uma força intermédia, reformista, vacilante, e não um partido de direita, um partido fascista; acusam-nos de não compreendermos o seu carácter social-fascista e assim nos tornarmos seus encobridores e cúmplices. Vilar e o MRPP têm agora o apoio da OCMLP nesta acusação. Vamos então ver quem encobre e quem serve o revisionismo.

Os comunistas há muito que definiram uma posição clara: os revisionistas modernos não são um vulgar partido de direita nem são um partido reformista, vacilante; são um destacamento especial de sabotagem da revolução, destacamento duas vezes traidor porque serve a ditadura de classe da sua própria burguesia e o social-imperialismo russo. Os revisionistas não devem ser confundidos com os outros partidos burgueses: não são um exército regular, são uma 5.ª coluna que veste os uniformes do exército popular para se infiltrar no meio dele, o desorganizar e o conduzir à derrota. A tática revisionista são as duas caras, a infiltração, a divisão, a sabotagem. Todo o operário consciente que já assistiu à actuação revisionista sabe que isto é assim.

É por isso que a maioria das bujardas que por aí se lêem acerca da «tropa de choque social-fascista» são um bom serviço prestado ao revisionismo. Apresentando o partido revisionista como um vulgar partido fascista, ocultam a sua natureza e impossibilitam a sua liquidação. Em vez de porem a claro que os métodos social-fascistas usados pelo partido de Cunhal (intimidação, fraude, agressões, etc.) assentam sobre uma influência política e ideológica real sobre amplas massas de trabalhadores, procuram convencer-nos de que essa influência não existe ou é desprezível. Em vez de nos armar para irmos disputar as massas aos revisionistas, batê-los no seu próprio terreno, tirar-lhes a máscara na acção concreta, leva-nos a abandonar-lhes as massas.

As maldições contra o social-fascismo em que se têm distinguido o MRPP e Vilar têm sido úteis à burguesia e à contra-revolução de duas maneiras. Primeiro, quando Cunhal era para toda a burguesia o «camarada» que convinha, quando era promovido publicitariamente no governo e na televisão, o berreiro «anti-social-fascista» serviu para isolar os marxistas-leninistas das grandes massas, atrasou a propaganda revolucionária, facilitou a difusão da influência revisionista, consolidou o bloco burguês. Agora, quando a maior parte da burguesia considera que a fase das concessões reformistas está terminada, que a tarefa de Cunhal no governo passa a segundo plano e que é preciso um governo de outro estilo, um governo «forte», agora o berreiro «anti-social-fascista» serve a toda essa burguesia como instrumento na sua campanha para a passagem do reformismo ao fascismo. Já está à vista que a actual campanha «anti-social-fascista» da burguesia tem uma só cor: a cor do fascismo. E as massas compreendem-no, voltam costas a essa campanha e acabarão por se deixar enredar ainda mais no engano revisionista se nós não seguirmos uma política justa no combate ao revisionismo.

ESTAMOS A EXPULSAR OS REVISIONISTAS PARA FORA DAS MASSAS?

Os revisionistas são o inimigo no meio do povo. Dentro do movimento operário e popular, dentro dos órgãos democráticos de massas, são eles o inimigo principal. Por isso, a seriedade da luta anti-revisionista sempre se mediu pelos seus efeitos práticos junto das grandes massas.

Aos discursos dos novos teóricos, contrapomos esta simples pergunta: em que ponto estamos na luta de massas anti-revisionista? Que avanços reais temos conseguido?

Ora, todos sabemos que, apesar das furiosas denúncias do social-fascismo e de alguns toques triunfais de trombeta sobre o «esmagamento dos revisionistas», os progressos dos mar-

xistas-leninistas têm sido muito insuficientes, nos sindicatos, nas comissões de trabalhadores e de moradores, nos conselhos de aldeia, nos plenários e assembleias, quer dizer, lá onde está organizada a classe operária, o campesinato, os soldados e as grandes massas trabalhadoras. Os revisionistas, sob o fogo pesado de todos os lados, perderam a arrogância e o dinamismo, mas conservam o grosso das suas posições.

Mas, nesse caso temos que perguntar: acreditamos realmente que, sem escorraçar os revisionistas não se avança, ou as proclamações são um pretexto para ir deixando os revisionistas de posse das posições de que desfrutam?

Por detrás das proclamações «anti-social-fascistas» de alguns e do triunfalismo de outros, nós vemos o receio de ir à luta contra o revisionismo, a **descrença** na nossa capacidade de o varrer efectivamente do meio da classe operária e das massas. Muitos camaradas, em vez de meterem mãos à obra, começando por uma ponta, ficam-se a medir as forças do gigante e a chamar-lhe nomes. À primeira provocação, saem das assembleias amaldiçoando o social-fascismo. No fundo, acham os revisionistas um colosso invencível.

E na origem desta timidez está a falta de perspectivas revolucionárias. Se esses camaradas medissem todo o alcance da situação que vivemos e pensassem realmente em preparar o exército para a batalha, se pensassem na luta **pelo poder**, eles forçosamente sentiriam a urgência de se arrancar para o nosso lado todas as posições-chave nas organizações operárias e populares. Acaso se pode avançar no caminho da revolução democrática popular com os revisionistas minando como percevejos toda a estrutura organizativa popular? É evidente que não. É isto que muitos camaradas evitam encarar de frente, porque receiam as responsabilidades da revolução e preferem o terreno mais fácil da agitação inconsequente, só para «marcar presença». Por detrás de toda a enxurrada de ataques ao social-fascismo, não se sentem responsáveis pela revolução. Deixam os revisionistas apossar-se das lutas **que devíamos ser**

nós e só nós a conduzir, e depois denunciam triunfalmente as traições revisionistas. Sim, os revisionistas traem! É para isso que existem! Mas nós, o que fazemos para os eliminar?

A LUTA DE MASSAS FAVORECE O REVISIONISMO?

Os teóricos do «anti-social-fascismo» acusam-nos de que ao lançarmo-nos nas lutas de massas contra o fascismo, o capital e o imperialismo americano, acabamos por servir de força de apoio ao revisionismo e ao social-imperialismo russo. Mas o que mostram os factos? Mostram que se soubermos levar a luta anti-fascista e anti-capitalista **de massas** firmemente para diante sob a nossa orientação, com palavras de ordem justas, os revisionistas em breve saltam fora por não poderem aguentar o andamento. Podem começar por ganhar mas, se soubermos ir até ao fim ligados às massas, acabam sempre perdendo. É vê-los saltar cheios de raiva contra a democracia operária e popular, a exigir a conciliação com o inimigo, o opor-se à vontade das massas. Aí é fácil eliminá-los.

Da mesma forma, se conduzirmos contra o imperialismo americano verdadeiras lutas de massas, elas de modo algum serão úteis à penetração do imperialismo rival, porque ao criar-se uma forte corrente popular pela independência, desencadearmos um movimento imparável que fechará a porta à penetração dos russos. Quando o nosso povo chegar a expulsar pela luta de massas os americanos, ele estará já de tal maneira forte e consciente que mais nenhum imperialista conseguirá vir instalar-se no nosso solo.

Os revisionistas têm que ser desmascarados, isolados e expulsos impiedosamente até ao último para fora do movimento operário e popular, para fora dos sindicatos, das comissões de trabalhadores e moradores, etc., **por meio da nossa condução justa da luta de massas**. Não há outro meio. Quem desiste do enfrentamento diário com eles desiste da revolução. Aquilo que nos é exigido não são proclamações mas trabalho

prático anti-revisionista que resulte na passagem de facto de amplas massas para o nosso lado.

A nossa linha para o combate ao revisionismo é a linha marxista-leninista, a linha do aniquilamento de todos os inimigos pelo avanço do movimento revolucionário de massas, como nos ensinaram Lenine, Staline, Mao. E é aqui que nos opomos aos novos teóricos; porque detrás de toda a sua verborreia «anti-social-fascista» está uma só realidade: a **tendência para virar costas às massas e para fugir às tarefas da revolução, o oportunismo de direita.**

IDEIAS NOVAS QUANTO A REVOLUÇÃO

Recentemente, a OCMLP fez sair o n.º 2 do seu órgão teórico «Foice e Martelo». Aí, em dois artigos de linguagem pedante e enfadonha, tenta explicar a sua linha actual. Vale a pena dar-mo-nos ao trabalho de ler os artigos.

A primeira coisa que salta à vista é que, numa situação como a que atravessamos, a OCMLP não vê tarefas políticas para o proletariado e o povo e analisa a situação nacional em termos de política internacional e de altas questões económicas. Parece uma crónica dum jornalista burguês em vez duma análise comunista da luta de classes. Vê só burguesia, não vê proletariado nem massas populares. Isto mostra logo as suas ideias sobre a revolução.

E esse é o segundo aspecto que salta aos olhos. Na «Foice e Martelo» a revolução democrática popular **desapareceu!** Fala-se bastante em revolução socialista e revolução proletária mas nem uma palavra sobre a revolução democrática popular. Temos que concluir que a OCMLP renunciou à perspectiva da revolução democrática popular que até aqui defendia; não foi com certeza por esquecimento que a omitiu.

O pior é que, ao mesmo tempo que avança assim ousadamente para a revolução socialista, a «Foice e Martelo» descobre que essa revolução tem uma «fase actual»: a defesa da inde-

pendência nacional desde já, «*conjuntamente com classes que não estão interessadas na revolução proletária*» (pág. 33), ou seja, com a burguesia. E acentua que a questão da independência não é a questão do poder, põe-se antes da questão da tomada do poder (pág. 31).

Numa palavra: a OCMLP oferece-nos uma perspectiva mais avançada, a revolução socialista, mas depois, por um passe de mágica, transforma-a na luta pela independência nacional separada da luta pelo poder. É isto que quer dizer a palavra de ordem «Lutar pela Independência Nacional, avançar para a revolução proletária»: **no futuro, tudo! para já, apoiar a burguesia.**

Mas, afinal a que nos leva isto? Leva-nos ao velho truque de desdobrar a revolução em duas fases para meter na manga a questão do poder! Prometer as conquistas primeiro e o poder depois, foi o que Cunhal fez em 1964, quando «descobriu» a sua «revolução democrática e nacional». E o Vilar, o que fez ele o ano passado quando descobriu a revolução socialista, com uma primeira fase de apoio à burguesia?

Os teóricos da «Foice e Martelo» deviam ter pensado nisto antes de se meterem a proclamar a fase da Independência Nacional. Ficam em má companhia. É decerto por sentirem essa proximidade incómoda de Vilar que se tentam demarcar dele falando com insistência na «*educação comunista do proletariado*» (pág. 34). Mas o que o proletariado precisa é duma perspectiva justa de luta, caros teóricos, e não de palavreado revolucionário «educativo». E essa perspectiva é o que lhe é negado pela actual linha da OCMLP.

COM O POVO OU COM A BURGUESIA E O IMPERIALISMO?

Nenhum sector da burguesia está em condições de conduzir o actual processo revolucionário, de ter nele um papel coerente, quer seja na luta pela independência nacional, quer seja na luta anti-fascista. Aquilo que já era uma tese teórica dos

marxistas-leninistas desde 1964, tem vindo a ser comprovado pela prática deste último ano: a burguesia tornou-se reformista e fez o 25 de Abril para se adiantar ao precipício revolucionário que se lhe abria debaixo dos pés, mas é completamente incapaz da firmeza e da audácia que a revolução democrática exige para ser levada a cabo. Tem medo dos imperialistas, tem medo da derrocada, tem medo da revolução popular. Os avanços que tem feito têm sido aos sacões, sob as chicotadas do movimento popular e da luta dos povos coloniais. E agora parou de todo e volta-se contra a revolução.

A direcção da revolução democrática pertence ao proletariado. Isto não quer dizer que seja só o proletariado a querer a independência nacional e a democracia. É o povo todo a precisar dela, incluindo a pequena burguesia. Mas a pequena burguesia só lutará pela democracia e a independência nacional **atrás** do proletariado. É isso que quer dizer a linha da Frente anti-fascista e patriótica e da revolução democrática popular. É isso que a OCMLP esqueceu.

A OCMLP insiste que faltam as condições subjectivas para avançar na revolução e que o proletariado tem que acumular forças. Sim, acumular forças é a nossa necessidade mais premente. Mas como é que se acumulam forças durante uma crise revolucionária como a que vivemos? É procurando meter-nos debaixo da asa dum governo militar tolerante, ou é correspondendo àquilo que as massas esperam de nós, mostrando-lhes o caminho para a frente? Nós dizemos que a «acumulação de forças» da OCMLP é, na realidade, acumulação de forças para a burguesia e destruição de forças para o proletariado.

Dizer que queremos assaltar o poder já, que somos aventureiros irresponsáveis, etc., é uma calúnia para esconder o fundo da questão. O fascismo avança, o imperialismo americano intervém descaradamente, a repressão vai começar a abater-se sobre o movimento popular. Estaremos com o povo para o levar para diante ou estaremos com a burguesia reaccionária e com o imperialismo? Isto é o que interessa, o resto são histó-

rias. Quem não lutar na prática contra a avançada do fascismo e do imperialismo perderá o direito de se chamar revolucionário e comunista perante o nosso povo. Há que escolher.

DE JOELHOS PERANTE O IMPERIALISMO

De princípio não percebíamos porque é que a OCMLP passara a falar de forma tão confusa na luta contra as superpotências e o hegemonismo, em vez de analisar concretamente a dominação imperialista sobre o nosso país. Julgámos que era só efeito de leituras mal digeridas. Mas agora, pelo texto da «Foice e Martelo» percebe-se tudo. Os discursos embrulhados à volta do hegemonismo das superpotências destinam-se a esconder este facto: os dirigentes da OCMLP querem desistir da luta contra o imperialismo americano e europeu, pôr-se de joelhos perante eles.

Estaremos a caluniar? Vejamos algumas afirmações muito concretas da «Foice e Martelo»: «*O imperialismo americano e os seus mais directos representantes encontram-se hoje em Portugal, sob o ponto de vista político, a caminharem cada vez mais vertiginosamente para o campo da oposição. No aparelho de Estado as suas posições são fraquíssimas... Nas forças armadas, os representantes directos do imperialismo americano têm sido também afastados no fundamental.*» (pág. 25). A luta anti-imperialista deve ser dirigida particularmente contra o social-imperialismo «*que está no país em fase de penetração, ou seja, de ascensão.*» (pág. 37). Na realidade, para quê preocuparmo-nos com o imperialismo americano, a caminhar «*vertiginosamente*» para a oposição segundo a OCMLP?

No que se refere ao imperialismo europeu, que actua ainda como se sabe em grande medida como agente do imperialismo americano, diz a «Foice e Martelo»: «*A Europa (...) oferece boas condições para a continuação e desenvolvimento das ligações no plano económico, investimentos e mercados, sem que isso represente de forma alguma uma submissão nacional.*»

(pág. 37). São esses justamente, segundo o «Grito do Povo» n.º 44, os aspectos positivos do documento Melo Antunes: defender a ligação à Europa. É essa a política que a OCMLP aconselha, «*caso contrário, a Europa passará a jogar abertamente no campo da luta anti-portuguesa*» e teremos a Europa a apoiar o cerco, a sabotagem, o levantamento fascista e a invasão estrangeira de Portugal. (pág. 30).

E mais: segundo a «Foice e Martelo» os marxistas-leninistas devem intervir «*a nível das chaves da economia*», uma vez que o colapso só forneceria o levantamento fascista. (pág. 29). O que quer isto dizer? Será que a OCMLP também já prepara o seu plano económico de salvação nacional?

Portanto, conclusão: a única saída para a crise actual é apoiarmos a burguesia que está voltada para a Europa, ou seja, para os monopólios europeus do Mercado Comum e da EFTA, estreitamente ligados ao imperialismo norte-americano, e esperarmos que a troca disso eles nos concedam uma certa democracia burguesa e não nos invadam. Que degradação! O camarada Mao continua a insistir que «a revolução pode impedir a guerra», mas os dirigentes da OCMLP acham que só nos resta ajoelharmos perante o imperialismo.

«A VERDADEIRA LINHA DO MOVIMENTO COMUNISTA»

O falsário e provocador Vilar, para esconder o seu abandono duma análise marxista da luta de classes em Portugal, o seu abandono dos interesses de classe do proletariado, a sua passagem para o campo da burguesia, passou a citar as posições da política externa do Partido Comunista da China como fundamento teórico da sua linha. Perante a classe operária, os resultados desta esperteza não foram muito famosos, mas os nossos intelectuais marxistas-leninistas da OCMLP comeram o isco e lançaram-se à pressa a rever toda a sua linha. Fizeram mal.

Nós dizemos que é um erro grosseiro, anti-marxista, confundir a política externa dos países socialistas (neste caso, a China) com a política interna dos comunistas num dado país. São duas coisas diferentes, que não se contradizem mas que não podem coincidir.

Ao definir uma política quanto à Europa ocidental e quanto a Portugal, a China está a lidar com uma espécie de contradições, com as contradições existentes entre os países capitalistas europeus e as duas superpotências; são contradições entre forças inimigas da revolução que devem ser exploradas a fim de reforçar na burguesia europeia o campo dos que se opõem ao hegemonismo das superpotências. Mas os comunistas portugueses, ao traçar a sua linha política, estão a lidar com um outro tipo de contradições: a contradição entre o proletariado e a burguesia em Portugal, a contradição entre o povo português e o imperialismo.

Assim, a China, para favorecer o movimento revolucionário na Europa, além da ajuda ideológica e política que dá aos partidos comunistas, adopta uma política externa que roube as bases de apoio e o campo de manobra aos dois imperialismos e os impeça de se envolverem na guerra. Mas os comunistas portugueses, para favorecerem o movimento revolucionário na Europa, só têm um meio ao seu alcance: **avançar com a revolução em Portugal**. Aqui está porque a nossa linha política não pode coincidir com a política europeia da China.

Se não compreendermos isto, não compreendemos porque é que a União Soviética teve que estabelecer relações com a Alemanha nazi em 1939, ao mesmo tempo que os comunistas e o povo alemão enfrentavam o nazismo; não compreendemos porque é que a URSS, junto com os Estados Unidos e a Inglaterra, deu apoio ao regime de Chiang Kai-chek contra o Japão, ao mesmo tempo que o Partido Comunista da China, à frente do povo chinês lutava contra o fascista Chiang Kai-chek; nem compreendemos porque é justo a China ter relações com o regime de Ferdinando Marcos enquanto os comunistas e o

povo das Filipinas conduzem uma luta de guerrilha para o derubar; etc.

Aqueles que entendem a unidade do movimento comunista internacional como um mero decalque da política externa dos países socialistas têm um ponto de vista mais trotskista do que leninista sobre a revolução mundial, não percebem que o entrelaçamento de contradições diferentes exige que cada situação seja encarada e atacada de vários ângulos ao mesmo tempo. Por sabermos isto, não nos impressionamos com as acusações imbecis de que estamos «*contra a linha do Partido Comunista da China*» e contra a «*verdadeira linha do movimento comunista*». Continuaremos a esforçar-nos por aplicar o marxismo-leninismo e o pensamento de Mao Tse-tung às condições concretas da luta de classes em Portugal, na certeza de que mais ninguém o fará se nós não soubermos fazê-lo. É essa a verdadeira contribuição que o movimento comunista internacional espera dos comunistas portugueses.

A REVOLUÇÃO POPULAR VENCERA!

Não é preciso procurar mais para perceber a nova linha geral da OCMLP. O abandono da revolução democrática popular, a fase da Independência nacional em conjunto com a burguesia, a viragem para a Europa, a luta para evitar a bancarrota, a defesa da «disciplina» no Exército (acabamos de a ouvir da boca dum dirigente da OCMLP numa reunião a que assistiram dezenas de militantes!), a condenação duma política independente do proletariado — isto forma um todo: é o abandono da revolução, é o começo da debandada perante a avançada da direita, coberto com exclamações contra o social-fascismo e o social-imperialismo. É o começo duma capitulação vergonhosa que se transformará em traição se não for atalhada a tempo.

A luta que se está a travar é a luta entre duas linhas políticas opostas para o Partido que vai renascer. Durante

muito tempo, a luta na corrente ML andou em torno de questões ideológicas e organizativas. Agora desceu de vez para o terreno da política. Isto é bom; as coisas tornam-se mais claras.

Que partido queremos? Um partido virado para a conquista da democracia popular, um partido que se torne a vanguarda combativa do povo? Ou um partido agarrado à esperança impossível duma democracia burguesa, assustado perante a revolução, servil perante o imperialismo, incapaz de corresponder às aspirações das massas trabalhadoras? Queremos um partido que siga a tradição gloriosa do partido bolchevique, do Partido Comunista da China, do Partido do Trabalho da Albânia, ou um partido no estilo Cunhal e Vilar, um esfregão da burguesia e do imperialismo?

A alternativa está posta, é preciso escolher. Quanto a nós, estamos certos de que o oportunismo será derrotado, o marxismo-leninismo vencerá. O oportunismo em Portugal já esteve por cima tempo demais, já mostrou tudo o que tem para dar à classe operária e ao povo, já não nos engana.

Unidos à classe operária, aos camponeses, a todo o povo, levantando bem alto as cinco bandeiras da Democracia Popular, os comunistas, em breve organizados no Partido que lhes faltava, darão o impulso decisivo à revolução, agrupando todo o povo na mesma aspiração comum, isolando e derrotando os reaccionários, lacaios do imperialismo americano e do imperialismo russo e estabelecendo o novo poder popular democrático que salvará Portugal e nos abrirá as portas duma vida nova.

Temos para realizar a tarefa mais grandiosa que jamais se colocou aos comunistas em Portugal! Saibamos levá-la a cabo sem vacilações!

Viva o Partido Comunista reconstruído! Viva a unidade de aço dos comunistas à volta da linha revolucionária do marxismo-leninismo!

Viva a Frente Anti-Fascista e Patriótica do povo português!

Viva a nova República Popular em Portugal!

ÍNDICE

1 — A REVOLUÇÃO NUMA ENCRUZILHADA

Balanço de um ano	1
O reformismo faliu	3
O fracasso do «socialismo» revisionista	4
Todos os caminhos da burguesia vão dar ao fascismo	6
Os revisionistas em crise	9
O inimigo no meio do povo	10
O imperialismo é a fonte do fascismo	12

2 — SÓ A UNIDADE DO POVO SALVARÁ A REVOLUÇÃO!

E precisa uma ampla frente de luta, já!	14
O inimigo bate-se na luta de massas	16
Corrijamos a nossa linha de massas	17
Os camponeses não podem ficar à margem da revolução	19
A revolução precisa da direcção operária	21
O alvo da luta: a República Popular	22
Elevemos o povo à luta pelo poder	24
Unidos às massas em luta venceremos!	27

3 — DERROTEMOS O DESVIO DE DIREITA!

Uma nova linha?	30
O que impede Cunhal de tomar o poder	32
Que esperanças dão os russos a Cunhal?	34
O partido revisionista, um partido fascista?	36
Estamos a expulsar os revisionistas para fora das massas?	37
A luta de massas favorece o revisionismo?	39
Ideias novas quanto à revolução	40
De joelhos perante o imperialismo	43
«A verdadeira linha do movimento comunista»	44
A revolução popular vencerá!	46